

Neofascismo, extrema direita e racismo hoje na Itália

SAVERIO FERRARI*

Este texto apresentará ao leitor uma descrição e uma breve análise dos partidos e das organizações da direita radical e da direita neofascista italiana, dos contatos entre esses dois campos no processo político, da ideologia e dos modelos organizativos dessas organizações.

O contexto político e a mudança em andamento

Em agosto de 2019, entrou em crise e caiu, por causa de polêmicas internas, o governo que havia sido formado apenas 14 meses antes (depois das eleições de março de 2018) graças a um acordo entre o partido da direita radical a Lega [Liga] e o Movimento Cinque Stelle [Movimento Cinco Estrelas]. Em seu lugar assumiu o poder, em setembro de 2019, um governo criado pela aliança entre o Partito Democratico [Partido Democrático] e o Movimento Cinco Estrelas. Uma situação inédita que, por muitas razões, não era de alguma forma previsível. De um governo de direita, considerado inclusive no âmbito internacional como um “laboratório populista”, passamos a um governo – tachado de “esquerdismo” pela própria Liga – guiado pelo mesmo presidente do Conselho, ou seja, Giuseppe Conte.

Esse acontecimento nos questiona em particular sobre a natureza do Movimento Cinco Estrelas, que sempre se autodefiniu “nem de direita, nem de esquerda”, em última análise um grupo em que convivem áreas de pensamento e de posicionamento opostas. Um movimento que no passado, quando governava o

* Pesquisador e ensaísta italiano. E-mail: s.bellusi@alice.it. Traduzido para o português por Gualtiero Marini.

país, aceitou as posições da Liga de Matteo Salvini, apoiando e votando medidas racistas, entre as quais o fechamento dos portos para os náufragos. Ainda hoje, esse movimento apresenta projetos de superação da democracia representativa, a ser substituída pela “democracia digital”, deixando assim à população apenas o poder de responder “sim” ou “não” a perguntas não emendáveis, enviadas pelo alto por minorias dirigentes, sem nenhuma forma de controle. Uma falsa e manipulada democracia direta que deveria substituir o sufrágio universal.

Na votação de 26 de maio de 2019 para o Parlamento europeu, a direitista Liga se tornou o primeiro partido na Itália com 34,26% dos votos (mais de 9 milhões de votos), enquanto o Partido Democrata, para o qual confluíram parte do extinto Partido Comunista Italiano, obteve 22,74% e o Movimento Cinco Estrelas, 17,06%. Na eleição precedente, em março de 2018, a Liga obtivera 17,4% dos votos, o PD, 18,7% e o Movimento Cinco Estrelas, 32,7%. Logo, ocorreu uma reviravolta nas relações de força baseada principalmente no medo e no alarmismo gerados por uma suposta “invasão” de imigrantes, com uma evidente transferência de votos do Movimento Cinco Estrelas para a Liga. Esses dados têm demonstrado claramente, no nível eleitoral, as mudanças em andamento no país. Já no ilustre 52º Relatório Censis (*Centro Studi Investimenti Sociali* [Centro Estudos Investimentos Sociais]) relativo ao ano de 2018, evidenciava-se como 63% dos italianos consideravam de forma negativa a imigração (a média europeia é de 52%), 75% estavam convencidos de que a imigração aumentava o risco de crimes e 60% (o dado mais preocupante) que a integração não era possível.¹ Mas já antes, conforme a análise de um dos mais renomados institutos de estudos e pesquisa, o Instituto Cattaneo, a Itália apresentava a maior taxa na Europa de hostilidade contra a imigração: 58% dos italianos estavam convencidos de que os extracomunitários e os imigrantes em geral provocavam redução da ocupação (17 pontos percentuais a mais do que a média europeia); 57% acreditavam que eles agravavam a situação da criminalidade e 62% acreditavam que eles eram um peso para o Estado social.²

As eleições e as pesquisas de opinião confirmam que a Itália está passando por uma fase delicada, talvez única na sua história. É evidente que estão acontecendo profundas transformações na percepção do senso comum, acompanhadas por uma forte crise das culturas da solidariedade e da igualdade.

A Liga: o verdadeiro partido da direita radical

Na Itália a Liga é atualmente o partido mais antigo, 37 anos de vida a partir de seu núcleo fundador, a Lega Lombarda [Liga Lombarda], criada em 1982. Tomou o nome de Liga Norte em 1991 como federação de grupos regionais, tais como Lega Lombarda, Lega Veneta, Piemonte Autonomista e Union Ligure. Ela, com suas peculiaridades, coloca-se claramente no fenômeno geral das direitas popu-

1 Disponível em: <<http://www.censis.it/9>> (52º Relatório sobre a situação social do país).

2 Adriana Pollice, Gli Italiani sono i più ostili d'Europa ai migranti, *Il Manifesto*, 28 ago. 2018.

listas europeias. Em março de 2002, em Assago, no seu quarto congresso, a Liga Norte assumiu uma identidade plenamente racista. Um ponto de chegada em que os atentados de 11 de setembro de 2001 contra as Torres Gêmeas de Nova York tiveram um peso decisivo. Naquele congresso a Liga se posicionou em defesa da “raça padana”, que seria a raça da população natural da Planície Padana, localizada nas ricas regiões setentrionais italianas – Piemonte, Lombardia, Vêneto e Emilia Romanha. Defendeu a “raça padana” em oposição “à sociedade multirracial”, contra a “invasão extracomunitária”, que seria causa de “corrupção dos costumes e tradições” e também de “criminalidade” e de “doenças”. No seu discurso de encerramento o fundador, Umberto Bossi, falou abertamente da imigração como de uma “invasão programada para desengonçar a sociedade” e a comparou com “uma horda” capaz de “submergir o Ocidente decadente”.

Nesta passagem, a Liga assumiu os traços (análises, conteúdos, linguagens) típicos das direitas radicais, chegando até a compartilhar com elas uma visão conspirativa da história, sempre considerada como resultado de manobras e intrigas muitas vezes obscuras. Nesta fase, seus membros atacaram o Iluminismo e o *Risorgimento* italiano (pelo qual foram responsáveis as lojas maçônicas); em suma atacaram a Revolução Francesa, com toda sua bagagem de direitos formais de igualdade. Tudo isso sem referência alguma ao passado regime fascista, mesmo se com algumas claras aberturas no nível teórico e da simbologia. Mais de um observador denunciou o fato de que em várias barracas, presentes no espaço do quarto congresso, se fizesse a propaganda dos textos de Julius Evola (o principal teórico neonazista italiano) e de Franco Freda (terrorista neofascista), publicados pela Edizioni Ar [Editora Ar] (“ar” seria a raiz de “ariano”). Além disso, eram vendidos objetos com o Triskel (uma espécie de roda solar conhecida desde o neolítico), símbolo utilizado pelos Voluntários Verdes [Movimento de Voluntários da Liga Norte, *ndt*] e pelo movimento juvenil padano. Já antes o Triskel havia sido adotado por vários grupos neonazistas, pois era o símbolo usado na segunda guerra mundial por uma divisão das Waffen-SS. Uma coincidência inquietante. Entre junho de 2002 e dezembro de 2003, a Liga manteve relações intensas e orgânicas com as organizações do neofascismo, em particular com a Forza Nuova [Força Nova], organizando manifestações em conjunto. Em 1º de janeiro de 2004 o Observatório Europeu dos Fenômenos Racistas e Xenóforos (EUMC), um órgão criado em 1997 no âmbito do Parlamento Europeu, incluiu a Liga Norte no mesmo grupo ideológico das forças de extrema direita (Eumc – Manifestations of Antisemitism in the EU 2002-2003).

Sob a direção de Matteo Salvini a Liga retomou força, invertendo uma tendência fortemente negativa marcada por uma longa série de escândalos que em 2012 comprometeram sua imagem e seu próprio futuro. A virada consistiu, em primeiro lugar, na recuperação completa de todas as temáticas de tipo racista que haviam já caracterizado o partido quando do congresso de Assago. A retomada dessas obsessões racistas por parte de Matteo Salvini apresentou importante novidade. Agora,

o povo superior era outro: não mais os “padanos”, mas sim todos os italianos. O alvo explícito do discurso racista também mudou – não mais os habitantes do Sul da península itálica, mas sim os imigrantes extracomunitários e, particularmente, os muçulmanos. Uma virada que recalcou o regionalismo das ricas regiões do norte e adquiriu um apelo nacionalista, o que levou a retirar do nome do partido a referência ao “Norte”, decisão que teve um forte impacto no mundo da extrema direita. A Liga, renomeada, apresenta-se hoje como um partido “novo” que aproveita de suas experiências passadas para dar continuidade aos discursos xenofóbicos e racistas.

As organizações neofascistas

Cada uma dessas organizações tem sua história e sua especificidade. No entanto, não são irrelevantes as diferenças que as caracterizam. A organização denominada Força Nova é a mais antiga entre as formações ativas, pois foi criada em 1997. Suas referências históricas podem ser encontradas nos movimentos que colaboraram com os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, em particular na Guarda de Ferro Romena, fundada por Corneliu Zelea Codreanu, um dos mais ferozes movimentos antisemitas que a Europa já conheceu. Criada por Roberto Fiore (também fundador no final da década de 1970 de Terza Posizione [Terceira Posição]) – o qual se refugiou em Londres em 1980 para evitar um mandado de prisão por associação subversiva e bando armado, e que depois foi condenado a cinco anos e seis meses –, a Força Nova foi várias vezes investigada pela Magistratura. Muitíssimos foram os episódios em que militantes e dirigentes de FN, ou seus ex-membros, foram condenados por ações violentas. Em 1º de junho de 2017 o Ministério do Interior publicou os dados sobre as violências protagonizadas, entre 2011 e 2016, pelos dirigentes e militantes dessa organização: 240 foram as denúncias à autoridade judicial e 10 as prisões. Em suma: nos 65 meses de vida analisados, a média é de quatro episódios de violência por mês. Apenas em 2017, sempre conforme o Ministério do Interior, as denúncias foram 178 e seis as prisões, quase sempre por episódios de violência.³

Sua organização juvenil é denominada Lotta Studentesca [Luta estudantil]. Em 2017 declarou ter 7.500 filiados, mas na verdade ela tem por volta de 2.500 membros. No nível internacional, a Força Nova faz parte desde 2015 do partido pan-europeu Alliance for Peace and Freedom (APF), que tem na sua cúpula como presidente Roberto Fiore e como vice-presidente Nick Griffin da British Unity. Desse grupo fazem parte o NPD, o partido neonazista alemão, e outras pequenas formações espanholas, inglesas, belgas, romenas, eslovacas e tchecas.

No dia 26 de maio passado, na votação para o Parlamento europeu, a Força Nova obteve apenas 0,2% dos votos, com cerca de 40 mil votos em todo o território nacional. Já faz um tempo que a Força Nova está procurando seu espaço à

³ Ansa, 20 dez. 2017.

direita da própria direita mais racista, radicalizando as palavras de ordem sobretudo contra os refugiados.

Outra organização neofascista importante é a Casa Pound, criada em Roma como um centro social abertamente fascista em 2003, em uma ocupação de um prédio de propriedade pública no bairro Esquilino, próximo à estação Termini, na rua Napoleone III. A ocupação foi organizada por alguns jovens, na maioria ex-militantes de outras organizações neofascistas como Movimento Politico Occidentale [Movimento Político Ocidental], Meridiano Zero e Fiamma Tricolore [Chama Tricolor]. O nome da organização é uma homenagem ao poeta estadunidense Ezra Pound, que viveu por muito tempo na Itália, apoiador do regime fascista, antisemita, condenado no final da Segunda Guerra por colaboracionismo. Seu logo é uma tartaruga estilizada, símbolo do direito à propriedade da casa, que retoma a principal luta do movimento em seus primeiros anos de vida. A Casa Pound não procura esconder sua própria natureza. Seus filiados se definem como “os fascistas do III milênio” e seu grupo dirigente faz referência direta ao regime fascista. Em seu programa político propugna-se: a recusa da sociedade multicultural e multiétnica; a reconstituição da Câmara das Corporações típica do regime mussoliniano; o desenvolvimento da indústria bélica; a adoção de armas nucleares e a volta à energia termonuclear; a saída da Otan; o serviço militar obrigatório; o controle da produção cultural e da formação da classe dirigente. Boa parte dos recursos econômicos de Casa Pound provém da marca de roupa Pivert.

É nesse contexto, na esteira de um “juvenilismo” transgressivo e antissistema, que tem que ser colocada a tentativa da Casa Pound de disputar com a esquerda algumas figuras simbólicas, como as de Jack Kerouac e Che Guevara (já alvo no passado deste tipo de operação por parte da extrema direita, voltada a interpretar esteticamente o combatente votado ao sacrifício, prescindindo de suas ideias). Nada mais do que uma maneira instrumental para procurar uns pontos de contato a mais com as novas gerações. Sua natureza violenta é evidente também pelos dados publicados em fevereiro de 2015 pelo Ministério do Interior: uma prisão a cada três meses de seus expoentes, de 2011 até 2015, e uma denúncia a cada cinco dias, no mesmo período, quase exclusivamente por episódios de violência.

A Casa Pound tem toda uma série de relações no nível internacional: desde a Alba Dourada na Grécia ao NPD na Alemanha, dos nazistas de Pravyi Sector e do batalhão Azov na Ucrânia, até as formações neonazistas escandinavas do Movimento de Resistência Nórdica presente na Noruega, na Finlândia e na Dinamarca, e que na Suécia é partido político. No entanto, nesse período é central a atenção dada ao Mediterrâneo e ao Sudeste Asiático. Neste sentido, a organização sem fins lucrativos Solidarité Identités serve de intermediário em várias relações, entre outras com o regime sírio, com Hezbollah (o Partido de Deus), partido político xiita do Líbano, e com os guerrilheiros karen na Birmânia. A Casa Pound declara ter cerca de 20 mil filiados, mas na verdade ela tem menos de 6 mil. Na última eleição europeia obteve 0,3% dos votos (menos de 89 mil votos).

Um partido que se coloca plenamente dentro da área do neofascismo é o Fratelli d'Italia (Irmãos de Itália). Foi criado em 2012 por Giorgia Meloni, Ignazio La Russa e Guido Crosetto, os quais haviam abandonado o Popolo della Libertà [Povo da Liberdade]. Na eleição política de 2018, o Irmãos de Itália obteve 4,3% dos votos na Câmara e 4,26% no Senado. Na eleição para o Parlamento Europeu obteve 6,4% dos votos, equivalente a 1,7 milhão de votos, passando a fazer parte do grupo dos Conservadores, com a intenção de mobilizar-se para construir uma “aliança” com os “sovrnistas liderados pelo grupo de Visegrad”. Mesmo sem ter feito parte do anterior governo formado por Liga e Cinco Estrelas, eles, de fato, apoiaram todos os piores posicionamentos da Liga, em particular no que diz respeito à imigração. Tentaram, em alguns casos, ultrapassá-los à direita, propondo bloqueios navais no Mediterrâneo contra os barcos dos imigrantes. A ideia de fundo é de colocar-se em continuidade ideal com o antigo Movimento Sociale Italiano [Movimento Social Italiano], a principal organização neofascista do pós-guerra, dissolvida em 1995 e que se agregou à Alleanza Nazionale [Aliança Nacional]. As lutas identitárias, deste ponto de vista, não deixam nenhuma dúvida. Entre outras, a proposta de intitular ruas, começando por Roma, em homenagem a Giorgio Almirante (o primeiro secretário do Movimento Social Italiano e defensor de teorias racistas) e a promoção de “marchas anticomunistas”. As relações desse partido com todas as outras formações neofascistas são claras e evidentes.

Concepções e modelos organizacionais do neofascismo italiano

A extrema direita neofascista e neonazista, em suas diferentes articulações, procura hoje representar seja setores abandonados da sociedade, seja boa parte das novas gerações. Ela é ativa nas lutas sociais por serem mais próximas aos interesses dos jovens. Está presente nas periferias, onde é mais profunda a crise das esquerdas, nas escolas e nas universidades. A linguagem utilizada é moderna e sua propaganda circula desde a internet até a música, que é cada vez mais explorada para tentar colonizar uma cota da juventude.

Entre os traços em comum há também a leitura do fenômeno das migrações, com frequência interpretado em um sentido conspirativo. Nos últimos anos tem se falado muito de um projeto que tem o nome de “Plano Kalergi”. Ele seria um complotô voltado “a destruir a cara do Velho Continente, deixando mesclar os brancos com as raças asiáticas e ‘de cor’ para criar um grupo multiétnico sem qualidades e que pode ser facilmente dominado pela elite no poder”.⁴ Ora, Richard Nikolaus de Coudenhove-Kalergi (1884-1972) era um aristocrata de família diplomática, austríaco, que fugiu depois da anexação nazista da Áustria, pois sua esposa era judia. Ele publicou na década de 1920 o manifesto *Paneuropa* e fundou a União Paneuropeia, cujo fim era unir os povos do continente para depois, em perspectiva, se fundir em uma União Mundial. De forma vagamente utopística, ele acreditava

4 Identità.com

que justamente o contato entre povos diferentes produziria uma nova humanidade, multiculturalista, multiétnica e pacífica – ver o seu *Praktischer Idealismus*, de 1925. Em 1950, graças às suas ideias, ele recebeu o prêmio Carlos Magno. Em seguida, caiu no esquecimento. Quem retomou Kalergi foi Gerd Honsik em 2005 com *Addio Europa: il piano Kalergi* [Adeus Europa: o plano Kalergi], interpretando de forma totalmente errada as ideias do diplomático de Viena. Através de um corta e cola arbitrário de seus textos, Honsik lhe atribuiu um suposto “plano”, fornecendo uma explicação conspirativa para o fenômeno da imigração. Honsik, também austríaco, em 1992 publicou *Hitler innocente?* [Hitler inocente?] em que defendia que o líder do nacional-socialismo tinha que ser absolvido, pois o Holocausto nunca teria tido ocorrido. O autor, uma vez condenado no seu país, refugiou-se na Espanha. Na Itália, essa teoria conspirativa chegou em 2015 graças ao jornalista de extrema direita Matteo Simonetti com a publicação do livro *La verità sul piano Kalergi: Europa, inganno, immigrazione* [A verdade sobre o plano Kalergi: Europa, engano, imigração].

Quanto à elaboração teórica, o neofascismo de hoje está apropriando-se transversalmente de alguns conceitos: o da recusa da sociedade multicultural e multiétnica à qual é contraposto o conceito de “comunidade” definida com base na etnia. Trata-se da retomada dos mitos de “sangue e solo”; o do “chefe carismático” ao invés da democracia participativa; o da necessidade de moralizar a sociedade tanto no público (contra a corrupção dos partidos e dos politíqueiros), quanto no privado (contra as “perversões” homossexuais, a “ideologia de gênero” e as uniões homoafetivas “contra a natureza”). No nível organizacional, o neofascismo adotou o mesmo modelo, desde as formações menores até às maiores, focado no “colateralismo” organizado em associações com uma finalidade determinada e com temáticas colaterais ao núcleo central. Uma modalidade elaborada para aumentar os pontos de contato, penetrar no mundo dos jovens e para aparecer com uma áurea respeitável em nome da utilidade social, às vezes cultural.

O modelo de análise política mais utilizado hoje pelo neofascismo é o seguinte: as elites dominantes são controladas pela esquerda, que pretende impor um mundo globalizado. Daí a necessidade da defesa do “pobre branco”, vítima de um “ódio classista”. O “pobre branco” perde direitos, espaços democráticos e possibilidades de emancipação. Sua culpa é a de “não entender” as “virtudes do acolhimento” e da “mescla”. Despreza a globalização. Os “autóctones pobres” são abandonados e culpados. Nos “andares de cima” da sociedade exaltam-se os benefícios da “diversidade”, o que nos “andares de baixo” significa conflitualidade e insegurança. Daí a posição favorável do neofascismo ao direito de “defender o povo” e, além disso, de representar a classe operária e as classes mais pobres e excluídas.

O neofascismo pretenderia, em conclusão, apresentar-se como revolucionário – interpretando as aspirações das massas, dos jovens e das classes “brancas” subalternas –, antissistêmico, anticapitalista e anti-imperialista, inimigo das elites bancárias, financeiras e dos “poderes fortes”.

Por fim, não devemos esquecer o fato de que a área do neofascismo aproveitou do governo anterior para adentrar em âmbitos e jogos políticos antes impensáveis. Hoje ele procura dialogar com a Liga, tendo em conta as afinidades em particular no que diz respeito à imigração, apoiando suas batalhas mesmo estando na oposição.

Setembro de 2019

Resumo

Este texto apresenta uma análise dos partidos e das organizações da direita radical e da direita neofascista italiana, dos contatos entre esses dois campos no processo político, da ideologia e dos modelos organizativos dessas organizações. Além disso, discute também as estratégias que o neofascismo tem utilizado para conquistar os jovens e setores marginalizados da sociedade, bem como a apropriação que vem sendo feita de determinados conceitos, como o da recusa da sociedade multicultural e multiétnica à qual é contraposto o conceito de “comunidade” definida com base na etnia.

Palavras-chave: Neofascismo; Liga; Matteo Salvini.

Abstract

This article analyzes the right wing parties and organizations of Italy in relation to its radical neo-fascists; at the same time, it investigates the contacts between these two forces in areas such as political process, ideology and organizational models. It also discusses the strategies put forth by the neo-fascists to entice marginalized sectors of society; and the rejection of concepts such as multi-cultural and multi-ethnic societies while favoring the concept of “community” based on ethnicity.

Keywords: neo-fascism; Matteo Salvini; multi-cultural.